



PLURIVERSO
RECURSOS DIGITAIS
EM ATUALIZAÇÃO

AUGUSTO RODRIGUES DE SOUSA
LEDIANE FANI FELZKE (organizadores)

PROJETO 1

CAÇADOR DE MIM

ESCREVENDO A
PRÓPRIA HISTÓRIA





PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁTICOS
EM ATROPERSPECTIVA

AUGUSTO RODRIGUES DE SOUSA
LEDIANE FANI FELZKE
(ORGANIZADORES)

PROJETO CAÇADOR DE MIM

Escrevendo a própria história

Ana Alexandrina Silva Pinheiro • Caliel Ritse de Almeida Silva • Danielle Menezes Marielle • Gabriele Matos da Vale • Jeanderson Ferreira dos Santos • Jorge Henrique Magno Barbosa • José Gabriel Soares de Oliveira • Karen Emanuely Ribeiro Raimundi • Larissa do Nascimento Macedo • Levir Pereira do Nascimento • Luís Felipe Ferreira da Silva • Matheus da Silva Costa • Rebeca Lopes Freitas • Rian Guilherme Braga de Lima • Tamíris da Silva Borba



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA (IFRO)
ProfEPT- Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de Rondônia- NEABI/IFRO
Grupo de Pesquisa em Temáticas Étnicas da Amazônia- GETEA/IFRO

Integrantes da Pesquisa

Augusto Rodrigues de Sousa (org.)
Dra. Lediane Fani Felzke (orientadora)
Ana Alexandrina Silva Pinheiro
Caliel Ritse de Almeida Silva
Danielle Menezes Marielle
Gabriele Matos do Vale
Jeanderson Ferreira dos Santos
Jorge Henrique Magno Barbosa
José Gabriel Soares de Oliveira
Karen Emanuelly Ribeiro Raimundi
Larissa do Nascimento Macedo
Levir Pereira do Nascimento
Luís Felipe Ferreira da Silva
Matheus da Silva Costa
Rebeca Lopes Freitas
Rian Guilherme Braga de Lima
Tamiris da Silva Borba

Imagem da capa

Saulo de Sousa

Diagramação

Grupo do Projeto de Pesquisa
Pluriverso- alunos do Instituto Federal
de Rondônia- Campus Calama

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725p

Projeto 1 Caçador de Mim: escrevendo a própria história / Augusto Rodrigues de Sousa e Lediane Fani Felzke, Porto Velho: NEABI/IFRO; Ji-Paraná: GETEA/IFRO, 2020.

1,68 MB

ISBN: 978-65-991624-8-0

1. Autobiografia. 2. Relações Raciais. 3. Projeto de Ensino. I. Título.

CDD: 100
CDU: 501(075.3)



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>.

Cara educadora e caro educador,

A cartilha que você tem em mãos faz parte de uma coleção de projetos educativos oferecida pelo site “Pluriverso”, criado como portfólio para os resultados de pesquisa no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) no Instituto Federal de Rondônia- IFRO (Campus Calama). A coleção foi idealizada como materialização de uma estratégia para o ensino de Humanidades em afroperspectiva e no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, proposta como produto educacional pelo pesquisador e pelo grupo de participantes da pesquisa.

A estratégia de ensino e os projetos dela resultantes foram construídos coletivamente, com alunas e alunos do ensino técnico integrado ao médio da instituição e levam em conta **temas do cotidiano dos próprios jovens**, as **referências curriculares previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** e, principalmente, a consideração pela **diversidade étnico-racial**, proposta pelos princípios da educação básica no Brasil e pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que convidam à valorização da história e a cultura africanas, afro-brasileiras e indígenas na educação básica.

No projeto “Caçador de mim: escrevendo a própria história”, refletimos sobre a história pessoal de cada um através da leitura da obra “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola” autobiografia de Maya Angelou, do diálogo desse texto com outras perspectivas filosóficas e da escrita pessoal e grupal de autobiografias.

Com estas propostas esperamos oferecer recursos práticos e acessível a todos os que sonham e procuram abrir trilhas para a educação integral.

Augusto Rodrigues de Sousa e Lediane Fani Felzke

Organizadores

Panorâmica do Projeto

Caçador de Mim: escrevendo a própria história

Questão Orientadora

Quem sou eu e qual é a minha história?

Descrição do Projeto

A partir da leitura da obra “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”, autobiografia de Maya Angelou, os alunos vivenciarão um processo de compreensão do gênero autobiográfico e serão convidados a refletir sobre a própria personalidade e história pessoal, inseridas no contexto familiar, social e político através da escrita de suas próprias autobiografias.

Produtos educativos

Os alunos escreverão uma breve autobiografia considerando as dimensões estudadas no decorrer do projeto. Como trabalhamos em grupo, cada grupo reunirá as autobiografias em um único livro (cada autobiografia pode ser um capítulo). No fim do projeto haverá um sarau para a exposição da experiência de escrever as autobiografias.

Os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros

O Projeto “Caçador de Mim- Escrevendo a própria história” está construído de tal forma que se enfatize o diálogo de diferentes fontes de produção do conhecimento, com destaque para a produção filosófica afrocêntrica e a literatura produzida por mulheres negras e indígenas.

Junto aos conteúdos, as estratégias de ensino procuram ajudar os alunos a desenvolver os valores civilizatórios afro-brasileiros, a saber:

Circularidade

Religiosidade

Corporeidade

Musicalidade

Memória

Ancestralidade

Cooperativismo

Oralidade

Energia Vital

Ludicidade

Para saber mais sobre os valores civilizatórios acesse:
<http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>

PERSONALIZANDO O PROJETO

Nosso projeto foi criado a partir de uma experiência de grupo, de modo que talvez você sinta necessidade de utilizar outras estratégias e recursos. Use as questões abaixo para decidir como tornar o projeto mais autêntico e significativo para suas alunas e alunos.

Sobre os alunos

- Como você pode ajudar as alunas e os alunos a reconhecer e valorizar suas próprias histórias de vida e as histórias de vida dos colegas?
- Que possibilidades você pode planejar para suas alunas e alunos com dificuldades na escrita/fala ou que são tímidos para participar de um grupo ou expor ideias nas rodas de conversa ou nas apresentações?
- Que oportunidades de feedback você pode incorporar ao processo para que suas alunas e alunos tenham consciência do caminho didático que estão vivenciando?
- Quais modelos e exemplos de narrativa autobiográfica e de literatura filosófica você pode fornecer para garantir que todas as alunas e alunos reconheçam a si mesmos nas leituras sugeridas?

Sobre o contexto

- Quem podemos convidar como público das apresentações?
- Existe algum ambiente que possa servir como local para realizar as apresentações (quadra, auditório, teatro local, anfiteatro, etc, praça, etc.)

Sobre conceitos e habilidades

- Que conceitos e conteúdos você considera importante que suas alunas e alunos se apropriem nesse projeto?
- Quais habilidades suas alunas e alunos podem desenvolver com o projeto?
- Que tipos de abordagens instrucionais você pode se utilizar para que as alunas e os alunos se apropriem dos conceitos e conteúdos e desenvolvam as habilidades? (oficinas, dinâmicas, rodas de conversa, grupos de estudo, leituras individuais, etc.)

Etapas e Passos do Projeto

As etapas e passos do projeto compõem a estratégia de ensino de filosofia construída coletivamente e proposta como produto educacional da pesquisa de mestrado que originou este material. Para saber mais sobre a estratégia de ensino e suas referências teóricas acesse o site do projeto: <http://pluriversoept.com>.

PRIMEIRA ETAPA: SENSIBILIZAÇÃO		
Passo 1: Evento de Abertura e conversa sobre o evento de abertura	Passo 2: Apresentação do Projeto, combinações e acertos e organização dos grupos.	Passo 3: Apresentação do texto referencial “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola” e primeiros contatos com a obra e a autora
SEGUNDA ETAPA: PESQUISA E RODAS DE CONVERSA		
Passo 1: Leituras e pesquisas em diferentes fontes e rodas de conversa em pequenos grupos e em plenário, a partir de questões oferecidas pelo professor.	Passo 2: A roda de conversa final	
TERCEIRA ETAPA: PRODUÇÃO		
Passo 1: Oficinas para produção de autobiografias e processo de escrita.	Passo 2: Formatação e produção das autobiografias.	Passo 3: Entrega dos textos produzidos para avaliação da banca leitora
QUARTA ETAPA: AVALIAÇÃO		
Passo 1: Autoavaliação e avaliação pelos pares e partilha		
QUINTA ETAPA: CELEBRAÇÃO		
Passo 1: Organização de Sarau da turma para apresentação das autobiografias	Passo 2: Sarau da Turma.	



Etapa 1

Sensibilização

PASSO 1

Evento de abertura

É interessante que o projeto integrador comece com uma experiência marcante que dê ao grupo a energia necessária para a discussão da questão orientadora, o processo de pesquisa e a construção dos próprios produtos educacionais. Essa atividade inicial, que chamamos de **evento de abertura**, pode ser real ou virtual, mas o importante é que ajude as alunas e alunos a perceber que o conhecimento nasce e se articula com a vida concreta.

A escolha da atividade a ser realizada depende da realidade concreta da escola e do projeto: quantos professores estão envolvidos diretamente no projeto? Dispomos de quanto tempo e de quanto em recursos financeiros ou materiais? Temos acesso à internet para todos? Essas são questões que podem ajudar na hora de definir a atividade.

Sugerimos duas propostas para o evento de abertura: uma sessão de **Contação de histórias pessoais por idosos da comunidade** ou uma **visita aos idosos do asilo público da cidade**. Ambas são seguidas de uma reflexão em sala de aula, a partir da música “Caçador de Mim” de Milton Nascimento.

PROPOSTAS 1 e 2: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS POR IDOSOS DA COMUNIDADE OU VISITA AO LAR DE IDOSOS.

O ambiente pode ser preparado de modo que a idosa ou idoso se sente confortavelmente em uma cadeira ou poltrona e as alunas e alunos possam sentar-se ao seu redor, para ouvir suas histórias. É interessante que a convidada ou convidado sejam bons contadores de histórias (a experiência das avós e avôs das comunidades indica que normalmente são). O tema das histórias é que a idosa ou idoso contem a própria vida, suas aventuras, histórias de infância, etc.

Se houver possibilidade, os alunos podem **visitar o asilo público** da cidade e conversar com os idosos que ali se encontram. Muitas vezes a visita e a escuta são um presente muito valioso. Se for interessante a apresentação final dos trabalhos dos alunos poderia ser realizada na área de convivência do asilo, ou esses idosos poderiam ser convidados a vir à escola para participar do Sarau.

A escuta atenta e respeitosa das pessoas idosas é um exercício do valor da **ancestralidade**: valor civilizatório pluriversal (isto é, que se expressa em diversos contextos culturais) que encontra no ancestral e no “mais velho” o modelo de sabedoria, sagacidade e cuidado almejado pela pessoa humana.

Após o evento de abertura, os alunos realizam uma primeira roda de conversa sobre as impressões pessoais do evento de abertura. Sugerimos que o professor utilize a técnica de partilha “[Bola de Neve](#)”.

BOLA DE NEVE

ESTRATÉGIA DE ENSINO PARA RODAS DE CONVERSA

As “bolas de neve” começam pequenas e, pouco a pouco, aumentam de tamanho conforme rolam por alguma superfície. Nessa estratégia de ensino, a reflexão começa individualmente e gradualmente vai sendo compartilhada entre todos.

O uso rotineiro dessa estratégia ajuda o estudante a se apropriar-se da temática, desenvolver suas próprias reflexões acerca do tema e partilhar em pequenos ou grandes grupos suas reflexões.

O objetivo da estratégia “Bola de Neve” é que os alunos pensam e compartilhem ideias com primeiramente com um colega e, gradualmente, com toda a turma, incentivando dessa forma a participação do aluno.

PROCEDIMENTO

1. O professor propõe as perguntas: O que mais me chamou atenção na história contada por nossa (o) convidada (o) do último encontro? Como essa pessoa expressou que percebe a si mesmo? Como essa pessoa construiu a si mesmo com sua própria história?
2. Dar tempo para que os alunos reflitam pessoalmente suas respostas ou ressonâncias do tema para si mesmo.
3. Em duplas, os alunos partilham suas reflexões.
4. Cada dupla compartilha suas reflexões com os demais colegas da turma em plenário.

OBS: Caso queira o professor pode cronometrar cada etapa da estratégia, auxiliando o aluno a aprimorar sua capacidade de sintetizar informações em um tempo pré-determinada.

PROPOSTA 3: REFLEXÃO A PARTIR DE UMA MÚSICA.

Caso seja muito difícil realizar algumas propostas anteriores, o professor pode optar por iniciar o projeto a partir da reflexão de uma música em sala de aula. Sugerimos aqui a canção “Caçador de mim”, cantada por Milton Nascimento.

Após introduzir brevemente o tema do projeto e a importância de conhecer a si mesmo e a própria história, o professor convida os alunos a se dividirem em grupos e realiza a atividade de partilha acerca da música. Sugerimos que se utilize da estratégia [Monastério](#).

MONASTÉRIO

ESTRATÉGIA DE ENSINO PARA RODAS DE CONVERSA

O silêncio está presente em todas as culturas como ferramenta especial de concentração. Na cultura yorubá, o iniciado para se tornar Babalorixá tranca-se por algumas semanas em um quarto, a sós e em silêncio; do mesmo modo, os yanomami se agradam do silêncio que permite ouvir com a alma os sons da floresta. No ocidente, monges cristãos e budistas fazem voto de silêncio como maneira de se concentrar nos próprios pensamentos, nos textos das orações e nos cantos religiosos.

A estratégia de discussão que propomos usa o silêncio e a escrita como ferramentas para ajudar os alunos a explorar um tema em profundidade. Nela, os alunos escrevem suas respostas a um estímulo colado no centro de uma grande folha de papel. Ao escrever, o aluno pode pensar com mais calma e precisão, e a leitura da opinião dos colegas lhe oferece a oportunidade de se concentrar nas opiniões dos outros.

O cartaz produzido, servirá como um registro visual dos pensamentos e perguntas dos alunos, aos quais você pode se referir posteriormente no decorrer do projeto.

Você pode usar essa estratégia para envolver os alunos que não têm tanta probabilidade de participar de uma discussão verbal e para ajudar a motivar o diálogo entre os colegas de classe. Depois que eles participam dessa atividade várias vezes, o conforto, a confiança e a habilidade dos alunos em usar esse método aumentam.

PROCEDIMENTO

1. Selecione um estímulo para discussão

Selecione o áudio da canção “Caçador de Mim” e prepare cartazes com a letra da música colada no centro, com bastante espaço em branco para os alunos escreverem ao redor.

2. Preparar os Alunos

Informe à classe que esta atividade será realizada em silêncio. Toda a comunicação deve ser feita por escrito. Os alunos devem ser informados de que terão tempo para falar em duplas e em grupos posteriormente. Leia todas as instruções no início para que elas não façam perguntas durante a atividade. Além disso, antes do início da atividade, o professor deve perguntar aos alunos se eles têm perguntas, para minimizar a chance de os alunos interromperem o silêncio quando a atividade começar. Você também pode lembrar os alunos de suas tarefas quando eles começam cada nova etapa.

3. Os alunos ouvem a música e a comentam no grupo

Cada grupo recebe seu cartaz com o estímulo centralizado e um marcador ou caneta para cada aluno (melhor se forem canetas coloridas, para facilitar a visualização das diferentes opiniões). Os grupos ouvem a música "[Caçador de Mim- Milton Nascimento](#)" e leem o texto em silêncio. Após a leitura eles devem comentar o texto e fazer perguntas uns aos outros apenas por escrito no cartaz. A conversa por escrito deve começar no tópico do texto, mas pode se dispersar para onde os alunos a levarem. Se alguém do grupo escrever uma pergunta, outro membro do grupo deverá respondê-la também escrevendo no cartaz. Os alunos podem desenhar linhas conectando um comentário a uma pergunta específica. Certifique-se de que os alunos saibam que mais de um deles pode escrever no cartaz ao mesmo tempo. O professor pode determinar a duração desta etapa,

4. Os alunos comentam os cartazes de outros grupos

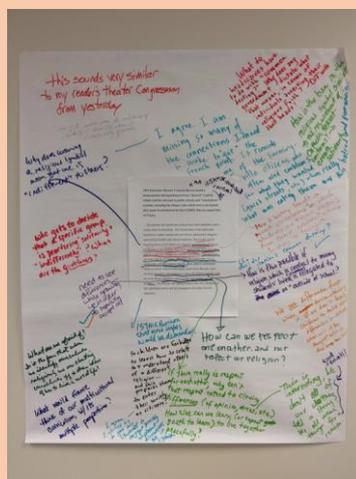
Ainda trabalhando em silêncio, os alunos deixam seus grupos e "passeiam" pela sala lendo os outros cartazes. Os alunos trazem seu marcador ou caneta com eles e podem escrever comentários ou outras perguntas para refletir. Novamente, o professor pode determinar o período de tempo para esta etapa com base no número de cartazes e no seu conhecimento dos alunos.

5. Os alunos retornam ao cartaz do próprio grupo e o silêncio é quebrado.

Os grupos se reorganizam em seu próprio cartaz. Eles devem observar os novos comentários escritos por outras pessoas e podem ter uma conversa verbal espontânea sobre o texto, seus próprios comentários, o que leram em outros trabalhos e os comentários que seus colegas escreveram para eles. Nesse ponto, você pode pedir aos alunos que retirem seus cadernos pessoais e registrem uma pergunta ou comentário que se destaque para eles.

6. Discuta em classe

Finalmente, discuta o processo com o toda a sala. A conversa pode começar com uma pergunta simples, como "O que você aprendeu ao fazer esta atividade?" É a hora de aprofundar o conteúdo e usar as ideias dos cartazes para estimular a conversa entre os alunos. A discussão também pode abordar a importância e a dificuldade de permanecer em silêncio e o nível de conforto dos alunos com esta atividade.



Modelo de cartaz produzido na dinâmica
Fonte: Facing History and Ourselves Project (2019)

Caçador de mim

Milton Nascimento

Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu, caçador de mim

Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo, medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim (bis)

PASSO 2

Apresentação do Projeto, combinações e acertos e organização dos grupos.

1 Apresente aos alunos o [Contrato de Aprendizagem](#) do Projeto e decidam alguns elementos em comum.

2 No fim das atividades propostas, o professor **apresenta aos alunos os grupos de trabalho** no decorrer do projeto. Acreditamos que seja interessante que o próprio professor organize os grupos, como um modo educativo de preparar os alunos para trabalhar em diferentes equipes, favorecer o conhecimento mútuo de toda a turma e evitar “panelinhas”.

3 Este passo visa favorecer o entrosamento do grupo através de uma atividade de produção da “identidade do grupo”, com a definição de uma marca, símbolo ou mascote, da sua missão, visão e valores e uma breve apresentação no estilo “Quem somos” dos sites de empresas.

Caso haja possibilidade de que cada grupo trabalhe com um computador, conectado à internet, o professor pode solicitar que os alunos atuem colaborativamente em um blog (sugerimos o Blogger do Google, pela praticidade) ou no mural do padlet. Utilize os últimos minutos da aula para que os alunos a partir dos próprios computadores leiam e comentem os murais ou postagens dos colegas.

[Clique aqui caso precise de dicas para usar o Blogger.](#)

[Clique aqui caso precise de dicas para usar o padlet.](#)

Caso não haja acesso à internet os grupos podem fazer cartazes com os elementos solicitados na cartolina e apresentar nos últimos minutos de sala, afixando os cartazes em sala para memória coletiva. O professor pode dinamizar ainda mais esse momento disponibilizando cartolinas de cores diferentes que identifiquem cada grupo (caso prefiram podem também usar camisetas para cada grupo, e reservar uma aula para que os alunos pintem as camisetas).

PASSO 3

APRESENTAÇÃO DO TEXTO REFERENCIAL

A etapa de sensibilização se encerra com a apresentação do material que servirá de referência para as pesquisas e rodas de conversa. No caso deste projeto vamos ler juntos a obra “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”, de Maya Angelou.

Ao trabalhar um texto literário e, não eminentemente filosófico, ajudamos as alunas e alunos a expandir seu repertório cultural e a pensar filosoficamente a partir de diferentes estímulos.

Para iniciar, disponha os alunos em círculo e apresente apenas a capa do livro que “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”. A partir da capa, o professor pode perguntar aos alunos: se conhecem a autora, qual a expectativa dos alunos sobre a história, do que imaginam que se trata.



Após alguns minutos de partilha das impressões, a professora ou professor conduz a atividade de apresentação da autora e do livro através da estratégia “[rotação por estações](#)”, que consiste em criar quatro ambientes de trabalho diferentes em cada canto da sala de aula e dividir os alunos em quatro grupos para que realizem as quatro atividades em cada uma das “estações”.

A seguir apresentamos a proposta de quatro estações que podem ser adaptadas segundo as necessidades da turma.

1ª ESTAÇÃO

CONHECER UM POUCO SOBRE MAYA ANGELOU

Nesta estação os alunos assistem a um vídeo sobre a autora Maya Angelou e produzem um cartaz que apresente quem é a autora. Caso não seja possível assistir ao vídeo, os alunos podem ler uma breve biografia da autora em texto (Disponível a seguir)

Materiais: Computador, tablet ou celular para que os alunos vejam o vídeo, Cartolinas, Tesoura, cola, fotos ou desenhos diversos de Maya Angelou, cola, canetinhas, outros.

PROCEDIMENTO

1 Os alunos assistem ao vídeo de apresentação de Maya Angelou.

Os alunos podem assistir e anotar as informações que chamam atenção no vídeo [Maya Angelou | Desenha e Fala](#), no qual Lela Brandão apresenta quem é Maya Angelou enquanto desenha seu rosto. O vídeo tem 4min24s. Caso queiram os alunos podem deixar um comentário na sessão específica no youtube com suas impressões.

2. Os alunos pesquisam outras informações na internet acerca de Maya Angelou, mais uma vez anotando pessoalmente o que mais lhes chamou atenção.

3. Os alunos conversam entre si sobre os pontos que destacaram e definem como farão um cartaz criativo para apresentá-la aos colegas.

4. Os alunos produzem o cartaz apresentando Maya Angelou segundo sua criatividade. Ao fim, fixam o cartaz em local para isso designado.

2ª ESTAÇÃO

DISCUTIR O TÍTULO DO LIVRO “EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA”

Nesta estação os alunos vão ler a tradução do poema “Sympathy” de Paul Laurence Dunbar (disponível a seguir), que inspirou Maya Angelou a dar o título ao seu primeiro livro autobiográfico e discutirão que pontos mais lhes chamam atenção no poema e por qual motivo a autora o escolheu como título.

Materiais: Cópia do poema para todos, cartões de meia página A4 para cada um, canetas, cartolina.

PROCEDIMENTO

2 Os alunos leem a tradução do poema “Sympathy” de Paul Laurence Dunbar (disponível na página xx).

3 Os alunos anotam em suas fichas a frase que mais lhes chamou atenção no poema e no verso descrevem em um parágrafo as sensações e motivos da escolha;

4 Os alunos partilham apenas a frase que chamou atenção e os colegas tentam elencar os motivos da escolha, após o qual os alunos leem o parágrafo que produziram.

5 Os alunos discutem o motivo porque acham que Maya Angelou escolheu esse título e escrevem de modo grande na cartolina que receberam, fixando o cartaz na parede destinada.

3ª ESTAÇÃO

ESTABELEECER UM PRIMEIRO CONTATO ATRAVÉS DA LEITURA DE UM TRECHO DA OBRA

Nesta estação os alunos têm contato com prólogo e o primeiro capítulo da obra “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola” e produzem uma lista ou cartaz com os personagens citados.

Materiais: Livros ou cópias do prólogo e primeiro capítulo do livro, cartolina, canetinhas coloridas

PROCEDIMENTO

- 1 Os alunos leem o prólogo e o primeiro capítulo do livro (aproximadamente 10 páginas)
- 2 Enquanto leem os alunos anotam os personagens e os cenários que aparecem em cena;
- 3 Os alunos elaboram um cartaz com a lista de personagens e cenários apresentados nos primeiros capítulos.

4ª ESTAÇÃO

OS ALUNOS TÊM CONTATO COM A “PESSOA” DE MAYA ANGELOU

Nesta estação os alunos tem a oportunidade de ter contato com a personalidade de Maya Angelou através de um vídeo em que a autora deixa uma mensagem, os alunos produzem juntos uma carta para Maya.

Materiais: computador, tablet ou celulares para que os alunos assistam ao vídeo, papel e caneta para escreverem a carta.

PROCEDIMENTO

- 1 Os alunos assistem ao vídeo [Maya Angelou - 3 palavras para viver o melhor da vida](#);
- 2 Os alunos discutem que impressões tiveram da autora.
- 3 Os alunos escrevem uma carta para Maya Angelou.

É possível que apenas uma aula não seja suficiente para a conclusão todas as estações, nesse caso a atividade pode ser realizada em duas ou três aulas.

Após os grupos terem passado por todas as estações, o professor pode refletir com os alunos o que aprenderam com a atividade e fazer uma pequena discussão sobre qual a importância de dar visibilidade a autoras e autores negros.



PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁTICOS
EM AFRO-PERSPECTIVA



Maya Angelou

Maya Angelou

Marguerite Ann Johnson (Maya Angelou) nasceu no dia 4 de abril de 1928 na cidade de Winston-Salem, Carolina do Norte (Estados Unidos).

Passou a maior parte da infância com a avó, Annie Henderson, no estado de Arkansas (ao sul dos Estados Unidos), onde a realidade do apartheid era muito evidente. Em uma breve temporada em que viveu com a família da mãe em Saint Louis, quando tinha 8 anos, foi estuprada pelo padrasto, que foi assassinado logo em seguida. Isto levou a anos de mudez para Maya, que finalmente superou com a ajuda de uma vizinha atenciosa e um grande amor pela literatura.

Aos 15, Maya tornou-se a primeira cobradora de ônibus negra em São Francisco e tornou-se mãe solteira ao dar à luz seu primeiro filho, em uma época em que isso não era comum; em anos posteriores, ela se tornou a primeira mulher negra a ser roteirista e diretora em Hollywood.

Na década de 1950 - quando surgiu com o pseudônimo "Maya Angelou" - ela se afirmou como atriz, cantora e dançarina em várias montagens teatrais que percorreram o país, tais como: Porgy and Bess, Calypso Heatwave, The Blacks e Cabaret for Freedom; Nos anos 60 ela era amiga de Martin Luther King Jr. e Malcolm X; e trabalhou durante anos para o movimento de direitos civis. Nos anos 60, trabalhou e viajou pela África, como jornalista e professora, ajudando vários movimentos de independência africanos. Em 1970, publicou o primeiro livro, I Know Why the Caged Bird Sings (Eu sei porque o pássaro canta na gaiola), para grande aclamação, e foi nomeada para o Pulitzer Prize (prêmio de jornalismo e literatura) em poesia no ano seguinte.

Angelou teve uma carreira longa e distinta. Foi poetisa, escritora, ativista de direitos civis e historiadora, entre outras coisas. Também foi atriz, dançarina e cantora. Atuou na peça de Jean Genet, "The Blacks", e no aclamado seriado, "Roots", ganhador de um Emmy. Angelou provavelmente é conhecida melhor pelos seus trabalhos autobiográficos, que incluem I Know Why the Caged Bird Sings e All God's Children Need Traveling Shoes.

Em 1993, Angelou leu um de seus poemas, chamado "On the Pulse of Morning", na tomada de posse de Bill Clinton como presidente; este foi um dos pontos altos de sua carreira: recebeu o Grammy de melhor texto recitado pela sua leitura, e novamente a trouxe para a vista do público. Ao final de sua carreira, foi professora de história americana na Wake Forest University, Carolina do Norte, fazia excursões e dava palestras em vários lugares.

Dentre suas obras constam 8 autobiografias, poesias, livros de culinária, peças de teatro, roteiros de cinema e televisão, discos, etc.

(Adaptado de Wikipedia.com)

Simpatia

Paul Laurence Dunbar

Eu sei o que o pássaro enjaulado sente, infelizmente!
Quando o sol brilha nas encostas das montanhas;
Quando o vento se agita suavemente através da grama,
E o rio corre como uma corrente de vidro;
Quando o primeiro pássaro canta e o primeiro botão toca,
E o leve perfume de seu cálice rouba -
Eu sei o que o pássaro enjaulado sente!

Eu sei porque o pássaro enjaulado bate na asa
Até que seu sangue fique vermelho nas barras cruéis;
Pois ele deve voar de volta ao seu poleiro e se apegar
Quando ele desmaiava, o galho oscilava;
E uma dor ainda palpita nas velhas, velhas cicatrizes
E eles pulsam novamente com uma picada mais aguda -
Eu sei por que ele bate na asa!

Eu sei porque o pássaro enjaulado canta, ah eu,
Quando sua asa está machucada e seu peito dolorido,
Quando ele bate nas barras e fica livre;
Não é uma canção de alegria ou alegria,
Mas uma oração que ele envia do fundo do coração,
Mas um apelo, de que para o céu ele voa -
Eu sei porque o pássaro enjaulado canta!



Etapa 2

PESQUISA E RODAS DE
CONVERSA

PASSO 1

Leituras e pesquisas em diferentes fontes e rodas de conversa em pequenos grupos e em plenário, a partir de questões oferecidas pelo professor.

O livro “Eu sei por que o pássaro canta na gaiola” foi escolhido como obra referencial desse projeto por se tratar de um brilhante exemplar do gênero literário de autobiografia que pretendemos explorar com os alunos e porque nele a autora descreve de modo especial sua infância e adolescência até conseguir o primeiro emprego e ser mãe do primeiro filho, etapa muito próxima da realidade dos nossos alunos.

A partir da leitura do livro (ou de trechos dele, caso seja difícil disponibilizar o livro a todos os alunos ou grupos) o projeto convida os alunos a pesquisar relações entre a leitura dos textos e outras temáticas filosóficas pluriversais (ou seja, com diferentes enfoques epistemológicos), com os quais podemos proporcionar aos alunos a vivência da experiência de filosofar a partir do estímulo literário.

Essa etapa visa desenvolver nos alunos o espírito de **autonomia na leitura e na pesquisa**, ao mesmo tempo em que, por ser uma atividade realizada em grupo, favorece a vivência da **pesquisa como atividade comunitária**. Para orientar a pesquisa o projeto propõe algumas **questões norteadoras no [contrato de aprendizagem](#)**. A seguir apresentamos chaves de leitura para você ajudar os alunos em cada uma das questões propostas. Apresentam-se ainda outras conexões filosóficas que podem ser úteis nas reflexões com os alunos e os grupos.

É importante que o professor não abandone os alunos nessa etapa, mas que utilize as aulas para que os grupos debatam os resultados de pesquisa alcançados a casa semana (para isso o professor pode propor diferentes estilos de rodas de conversa e de design instrucional), ao mesmo tempo em que circula entre os grupos para oferecer sugestões de leituras, minilições e dicas de vídeos que ajudem na discussão das questões.

Caso prefiram, professor e alunos podem propor um seminário em que cada grupo apresenta uma relação filosófica com a obra de Maya Angelou. O professor pode usar as perguntas propostas ou propor outras a partir das outras conexões que oferecemos nas páginas a seguir.

Questão 1

Que relações biográficas e filosóficas podemos estabelecer entre a obra de Maya Angelou e o filósofo Agostinho de Hipona e seu conceito de “interioridade”?

A leitura de Maya Angelou nos introduz em um gênero literário muito importante em diversas etapas da história. Para muitos, o primeiro autor a pensar na ideia da “interioridade” do ser humano foi Agostinho, o bispo católico do século V d. C., nascido na África (atual Argélia) e imigrante na Itália, onde exerceu seu ofício de sacerdote e filósofo.

Na obra “Confissões” nos deparamos com uma pessoa que escreve sobre si mesma diante de “alguém que me conhece muito mais do que eu mesmo”, de modo que a única alternativa seria desnudar-se revelando não apenas as ações mas as intenções escondidas por detrás delas, os desejos mais íntimos do coração. Ao mesmo tempo em que a introdução do conceito de interioridade é filosoficamente inovador, a estrutura literária é considerada um marco na história da literatura.

Ao pensar diálogos entre Agostinho e Maya, podemos ajudar os alunos a perceber quais os valores profundos que inspiram suas vidas e ações e qual o destinatário do texto final de suas autobiografias.

Para se inspirar: [Democracia na Teia- Santo Agostinho](#)

Questão 2

Em que momentos do texto podemos perceber a crítica da autora ao racismo? Estabeleçam contatos entre essa leitura e a crítica filosófica proposta por Djamila Ribeiro.

O livro de Maya Angelou apresenta com muita clareza a herança da escravidão e do preconceito racial na sua vivência como menina negra nos Estados Unidos. A segregação física e separação territorial, as humilhações cotidianas, a invisibilidade social, o terror diante da violência institucional (do estado) e de grupos racistas (Ku Klux Klan) são abordados de modo a nos fazer sentir levemente a calamidade da colonização e do racismo na vida da população negra americana, não muito diferente da nossa própria realidade.

Poderíamos escolher diversos trechos da obra para leitura e debate em sala de aula, mas escolhemos a cena do capítulo 16, no qual Maya vai trabalhar como empregada de uma senhora branca e depois de um fato que ela considera humilhação (tem seu nome propositalmente trocado), resolve se vingar.

Em suas obras “Quem tem medo do feminismo negro?” e pequeno manual antirracista, a filósofa brasileira Djamila Ribeiro nos oferece uma ótima oportunidade para refletir acerca do racismo como continuidade de uma relação de poder da elite colonizadora. Os alunos podem encontrar vários textos de Djamila no site Carta Capital e na Folha de São Paulo, para os quais a autora escreve. A seguir sugerimos um texto que reflete a ideia de racismo inverso.



PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁTICOS
EM AFRO-PERSPECTIVA



Djamila Ribeiro

Texto 2: Falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios

Djamila Ribeiro, nasceu em Santos em 1980. Filósofa feminista e pesquisadora na área da Filosofia Política, é Mestre em Filosofia pela Unifesp e colunista das revistas Elle e CartaCapital on-line, foi secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da Cidade de São Paulo.

Em quase todas as discussões sobre racismo, aparece alguém para dizer que já sofreu racismo por ser branco ou que conhece um amigo que sim. Pessoa, esse texto é para você.

Não existe racismo de negros contra brancos ou, como gostam de chamar, o tão famigerado racismo reverso. Primeiro, é necessário se ater aos conceitos. Racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve haver relações de poder. Negros não possuem poder institucional para serem racistas. A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui.

Para haver racismo reverso, deveria ter existido navios branqueiros, escravização por mais de 300 anos da população branca, negação de direitos a essa população. Brancos são mortos por serem brancos? São seguidos por seguranças em lojas? Qual é a cor da maioria dos atores, atrizes e apresentadores de TV? Dos diretores de novelas? Qual é a cor da maioria dos universitários? Quem são os donos dos meios de produção? Há uma hegemonia branca criada pelo racismo que confere privilégios sociais a um grupo em detrimento de outro.

Em agosto deste ano, Danilo Gentili quis comparar o fato de ser chamado de palmito com o fato de um negro ser chamado de carvão. E disse ser vítima de racismo, mostrando o quanto ignora o conceito. Ser chamado de palmito pode até ser chato e de mau gosto, mas racismo não é. A estética branca não é estigmatizada. Ao contrário, é a que é colocada como bela, como padrão. Danilo Gentili cresceu num País onde pessoas como ele estão em maioria na mídia, ele desde sempre pôde se reconhecer. Pode até ser chato, mas ele não é discriminado por isso. Que poder tem uma pessoa negra de influenciar a vida dele por chamá-lo de palmito? Nenhum. Agora, um jovem negro pode ser morto por ser negro, eu posso não ser contratada por uma empresa porque eu sou negra, ter mais dificuldades para ter acesso à universidade por conta do racismo estrutural. Isso sim tem poder de influenciar minha vida. Racismo vai além de ofensas, é um sistema que nos nega direitos.

Gentili com esse discurso de falsa simetria só mostra o quanto precisa estudar mais. Não se pode comparar situações radicalmente diferentes. Quantas vezes esse ser foi impedido de entrar em algum lugar por que é branco? Em contrapartida, a população negra tem suas escolhas limitadas. Crianças negras crescem sem auto-estima porque não se veem na TV, nos livros didáticos. Mesmo raciocínio se aplica às loiras que são vítimas de piadas de mau gosto ao serem associadas à burrice.

É óbvio que se trata de preconceito dizer que loiras são burras e isso deve ser combatido. Mas não existe uma ideologia de ódio em relação às mulheres loiras, elas não deixaram de ser a maioria das apresentadoras de TV, das estrelas de cinema, das capas de revistas por causa disso. Não são barradas em estabelecimentos por serem brancas e loiras. Sofrem com a opressão machista, sim, mas não são discriminadas por serem brancas porque o grupo racial a que fazem parte é o grupo que está no poder. Há que se fazer a diferenciação aqui entre sofrimento e opressão. Sofrer, todos sofrem, faz parte da condição humana, mas opressão é quando um grupo detém privilégios em detrimento de outro. Ser chamado de palmito é ruim e pode machucar, mas não impede que a pessoa desfrute de um lugar privilegiado na sociedade, não causa sofrimento social.

Uma amiga, na infância, uma vez, não deixou que eu e meus irmãos entrássemos na sua festa, apesar de nos ter convidado, porque seu tio não gostava de negros. E nos servia na calçada da casa dela até que, indignados, fomos embora. Alguma pessoa branca já passou por isso exclusivamente por ser branca?

Muitas vezes o que pode ocorrer é um modo de defesa, algumas pessoas negras, cansadas de sofrer racismo, agem de modo a rejeitar de modo direto a branquitude, mas isso é uma reação à opressão e também não configura racismo. Eu posso fazer uma careta e chamar alguém de branquela. A pessoa fica triste, mas que poder social essa minha atitude tem? Agora, ser xingada por ser negra é mais um elemento do racismo instituído que, além de me ofender, me nega espaço e limita minhas escolhas. Vestir nossa pele e ter empatia por nossas dores, a maioria não quer. Melhor fingir-se de vítima numa situação onde se é o algoz. Esse discursinho barato de “brancofobia” quando a população branca é a que está nos espaços de poder faz Dandara se remexer no túmulo.

Não se pode confundir racismo com preconceito e com má educação. É errado xingar alguém, óbvio, ser chamado de palmito é feio e bobo, mas racismo não é. Para haver racismo, deve haver relação de poder, e a população negra não é a que está no poder. Acreditar em racismo reverso é mais um modo de mascarar esse racismo perverso em que vivemos. É a mesma coisa que acreditar em unicórnios, só que acreditar em cavalos com chifres não causa mal algum e não perpetua a desigualdade.

Questão 3

Que trechos do texto nos permitem estabelecer relações com a proposta filosófica proposta por Frantz Fanon em sua obra “Pele negra, Máscaras Brancas?” e com o capítulo “Tornar-se Branco” de Davi Kopenawa Yanomami?

A leitura de textos decoloniais como as obras de Maya Angelou e de pensadores como Frantz Fanon e Davi Kopenawa, apresenta uma crítica ao modo como a branquitude ocidental instituiu a si mesma como padrão de humanidade e civilização. Ser humano, para os demais povos, passou a significar tornar-se branco.

Na obra de Maya Angelou esse aspecto é muito evidente no prólogo da obra, momento no qual ela expressa o desejo de desfazer “o feitiço da fada madrinha cruel” e tornar-se branca.

Frantz Fanon, filósofo argelino, crítico da colonização explicita a mesma ideia exaustivamente na obra “Pele Negra, Máscaras Brancas”, bem como o Davi Kopenawa Yanomami narra como durante boa parte de sua juventude queria “embranquecer” para se tornar aceito como humano.

A autobiografia desses personagens é uma forte resistência e um convite ao pensamento pluriversal que nasce da crítica à hegemonia ocidental e da valorização de outras epistemologias, outras estéticas, outros modos de ser e estar no mundo.

Sugestões de aprofundamento:

1. Livro [A queda do Céu](#) de Davi Kopenawa Yanomami (pgs. 274-290).
2. Vídeo “[Introdução a Pele Negra Máscaras Brancas](#)” de Frantz Fanon.
3. Livro: [Pele Negra, Máscaras Brancas](#)- Frantz Fanon.



PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁCTICOS
EN ATROPERPECTIVA

Frantz Fanon



PLURIVERSO
RECURSOS D'IDAT'COE
EM ATROSPERSPECTIVA

Davi Kopenawa Yanomami

Questão 4

Como Maya Angelou apresenta os acontecimentos políticos a seu redor em sua autobiografia e como podemos relacionar isso ao modo como Ângela Davis propõe sua autobiografia?

Desde o início das lutas antiescravagistas e pelos direitos civis da população negra o gênero literário das autobiografias fez parte de uma certa tradição do movimento negro enquanto manifestação política (Malcom X, Angela Davis, Audre Lorde, etc.).

A leitura que estamos fazendo do livro “Eu sei porque o pássaro canta na gaiola” também faz parte desses textos que, mais do que nos apresentar uma figura particular romântica, narra as lutas e conquistas de uma menina negra e pobre no turbilhão do apartheid estadunidense. Em sua história sentimos revolta dos movimentos e personagens racistas, nos alegramos com as conquistas de Maya e admiramos as virtudes heroicas dos ancestrais, personificados na avó.

No prefácio de sua obra “Autobiografia”, a filósofa Angela Davis deixa claro sua intenção de escrever uma autobiografia “política”, isto é, que revele em sua trajetória a trajetória e a resistências de grupos e classes que lutam por tornar-se reconhecidos em seus direitos.

Sugestões de aprofundamento

1. Além do livro “Angela Davis- uma autobiografia” pode-se inferir algumas ideias do vídeo [Angela Davis- regras e exceção](#). É interessante que o professor disponibilize o vídeo através de alguma plataforma que permita os comentários dos alunos (página no facebook, grupo de whatsapp, Google Sala de Aula, Ambiente Virtual de Aprendizagem escolar, etc.).



PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁTICOS
EM ATROSPERSPECTIVA



Angela
Davis

Prefácio de Angela Davis à primeira edição de sua autobiografia

Não estava ansiosa para escrever esse livro. Escrever uma autobiografia na minha idade (28 anos) parecia presunçoso. Além disso, eu sentia que escrever sobre minha vida, o que fiz, o que pensei e o que aconteceu comigo requeria uma postura de diferença, uma suposição de que eu era distinta de outras mulheres- outras mulheres negras- e, portanto, precisava me explicar. Sentia que um livro desse tipo poderia acabar eclipsando o fato mais importante: as forças que fizeram de minha vida o que ela é são exatamente as mesmas forças que formaram e deformaram a vida de milhões de pessoas do meu povo. Além disso, estou convencida de que minha resposta a essas forças também não é excepcional, que meu envolvimento político, fundamentalmente como membro do Partido Comunista, é uma maneira natural, lógica, de defender nossa humanidade sob ataque.

O único evento singular em minha vida não teve nada a ver comigo enquanto indivíduo- com uma pequena curva da história, outra irmã (ou irmão) poderia facilmente ter se tornado a prisioneira política a quem milhões de pessoas de todo o mundo resgataram da perseguição e da morte. Relutei em escrever este livro porque o foco em minha história pessoal poderia prejudicar o movimento responsável por tornar meu caso conhecido. Também não estava disposta a apresentar minha vida como uma “aventura privada” - como se existisse uma pessoa “real” separada e isolada da pessoa política. De qualquer forma, minha vida não seria adequada para isso, mas, ainda que fosse, um livro desse tipo seria falso, pois não poderia exprimir meu profundo senso de pertencimento a uma comunidade humana- uma comunidade de luta contra a pobreza e o racismo.

Quando decidi, afinal, escrever o livro, foi porque passei a vislumbrá-lo como uma autobiografia política que enfatizava as pessoas, os acontecimentos e as forças que, durante minha vida, me impulsionaram em direção ao meu atual engajamento. Um livro como este deveria servir a um propósito muito importante e prático. Havia a possibilidade de que, após a leitura, mais pessoas entenderiam que muitas de nós não temos alternativa, exceto oferecer nossa vida- nosso corpo, nosso conhecimento, nossa vontade- à causa do nosso povo oprimido. Neste momento, quando os disfarces que camuflam a corrupção e o racismo dos mais altos postos políticos estão rapidamente desmoronando, quando a falência do sistema capitalista global está se tornando aparente, há a possibilidade de que mais pessoas- negras, pardas, vermelhas, amarelas e brancas- sintam-se inspiradas a se unir à nossa crescente comunidade de luta. Só considerarei que este projeto valeu a pena se isso acontecer.

Angela Davis, 1974.

Questão 5

Que elementos da autobiografia de Maya Angelou podemos perceber uma referência ao conceito de Ancestralidade (de tradição africana e afro-brasileira/ Eduardo de Oliveira) e de tradição (filosofia inglesa- Edmund Burke)? Como essa relação com a ancestralidade marca a vida de Maya?

Duas personagens marcam a história de vida de Maya Angelou: a avó e a mãe. Na antiga filosofia egípcia (kemet) o ser humano é composto de 5 elementos, sendo que o primeiro deles é o sangue, recebido através de uma gota transmitida no momento da concepção. Esse “sangue” carrega a marca da ancestralidade, valor africano com dimensões espirituais e sociais.

Para o filósofo brasileiro Eduardo de Oliveira, a ancestralidade é um dos valores primordiais da cosmovisão africana e da constituição de civilização que herdamos deles. Ancestralidade que no Brasil, por conta da escravidão, assume o aspecto de resistência e de força de transformação.

No Ocidente, um filósofo controverso chamado Edmund Burke (primeiro dos conservadores ingleses, contrários aos valores da modernidade) também apela para o conceito de tradição. Sua interpretação de tradição como teia que une gerações pode enriquecer pluriversalmente nossa percepção do valor da ancestralidade.

O psicanalista Jung também retoma a importância da ancestralidade no processo de constituição da identidade pessoal.

Nota-se que, estudar o valor da ancestralidade é um caminho que pode ser assumido em conjunto e, desse modo, a partir dele superar as barreiras do racismo e da desigualdade.



PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁTICOS
EM ATUALIZAÇÃO

Eduardo de
Oliveira

Tradição (Ancestralidade)

Professor Dr. Eduardo de Oliveira (UFBA)

De nada adiantaria falar em integração, em identidade se não falássemos em **ancestralidade**.

A ancestralidade é o que estrutura a visão de mundo presente nas religiões de matrizes africanas. Sem o princípio de senioridade a organização social das comunidades de terreiro estariam esfaceladas. Sem a ancestralidade não haveria tradição. Sem a tradição não haveria identidade.

A preocupação com a identidade e a legitimidade é uma das características mais notórias das religiões de matrizes africanas, não apenas para caracterizar o povo-de-santo, mas sobretudo para manter a originalidade da tradição. É aqui que a autenticidade exige a tradição.

Essa autenticidade, no entanto, não significa a reificação da essência. Esta originalidade não significa unidade fechada de interpretação. Esta identidade não é uma totalidade arbitrária. A tradição africana atualizada pelos afrodescendentes é autêntica na medida em que fiel à sua forma cultural, original na medida em advém da experiência (ética) coletiva dos africanos. A tradição cria identidades pois ela é o manancial dos valores civilizatórios e dos princípios éticos (filosóficos) que singularizam a história dos afrodescendentes. A legitimidade da tradição africana dá-se, exatamente, por ela não ser uma memória fossilizada no passado, mas uma experiência atualizada no calor das lutas dos afrodescendentes.

A tradição africana tem sua própria lógica. Tem sua forma cultural que lhe dá desenho e contorno. Com efeito, a tradição não existe sem a ancestralidade. Note-se o caráter integrativo desta cadeia de raciocínio. A ancestralidade, por sua vez, não é a afirmação do **eu**, egóico, narcisista; na ancestralidade o que conta é a história de um povo, o arsenal simbólico adquirido por este durante os percursos do tempo. Quem conta a história do eu é sua tradição. A história do eu está vinculada à história de seus ancestrais. O eu faz parte de um todo e é importante justamente na medida em que compõe esse todo, e não o contrário. É por isso que

podemos dizer que sem ancestralidade não há identidade. A identidade é encontrada na tradição e não no olhar narcisista.

A construção da tradição é coletiva. Não importa se esta construção é cultural, isto é, que ela sofre modificações ao longo da história. O que importa é que ela é capaz de identificar os elementos que congregam e caracterizam uma certa visão de mundo. A cosmovisão africana é resultado da construção da ancestralidade pelo povo que construiu as matrizes das religiões africanas.

A cosmovisão de matriz africana é capaz de engendrar modelos alternativos ao CMI na medida em que concebe sob a luz de sua própria cultura as relações entre os seres. Já a filosofia bantu sustentava que a **força vital** é a energia que movimenta a realidade. Aumentar a força vital é saúde, prosperidade, fertilidade, ética etc. Diminuir a força vital é doença, corrupção, miséria, guerra. Sendo energia a matéria que compõe as artérias do real, as interações entre os seres no tecido social são mais dinâmicas e baseadas em relações de troca, dádiva e reciprocidade. Historicamente vivenciada na trajetória civilizatória dos afrodescendentes a cosmovisão africana é portadora/reveladora de uma experiência ética concretamente experimentada que pode ser, destarte, universalizada enquanto contraponto ao sistema de exclusão capitalista.

Geradora de princípios como o da diversidade e da inclusão, imbuída de concepções singulares sobre o tempo, o universo, a palavra, a política (socialização) e a economia (produção), a cosmovisão africana encontra no princípio da ancestralidade sua concatenação interna e a força de sua expressão externa, manifesta na tradição dos afrodescendentes. A atualização de sua forma cultural através das diversas manifestações de matriz africana no Brasil, por sua vez, permite-nos entrar no debate sob a identidade nacional e sobre a globalização, munindo-nos de uma experiência civilizatória que colocando-se a-si-mesma-como-valiosa é capaz de dialogar crítica e criativamente na perspectiva de colocar em crise o sistema de acumulação do capital (capitalismo) e apontar caminhos alternativos baseados em realizações efetivas da população afrodescendente no Brasil e no mundo.



PLURIVERSO
RECURSOS DIDÁCTICOS
EN ATROPERSPECTIVA

Edmund Burke

“A sociedade humana é uma associação que participa de todas as ciências, todas as artes, todas as virtudes e todas as perfeições. Como os fins dessa associação não podem obtidos em muitas gerações, torna-se uma parceria não só entre os vivos, mas também entre os mortos e os que hão de nascer.”

Edmund Burke, Reflexões sobre a Revolução na França

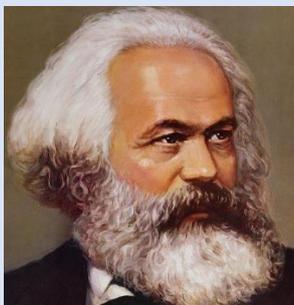
Edmund Burke nasceu em Dublin, Irlanda, em 1729. Filósofo e político inglês, Burke era contrário à revolução francesa e elaborou críticas duras à proposta filosófica dos iluministas, pois, para ele, os filósofos adeptos dessa corrente acreditam que em nome da “revolução” tudo seria permitido.

Sua principal obra filosófica é intitulada “Reflexões sobre a Revolução na França”, escrita em 1790. Burke faleceu em Londres em 1790.

Para Burke, a sociedade humana (originalmente ele escreve “o Estado”) é composto pelas tradições herdadas das gerações passadas e pelas muitas culturas que compõem um povo, bem como pelas artes, modos de viver, e outros elementos que moldam nossas vidas e nosso cotidiano e que devem ser levados em conta quando pensamos na política que deve orientar as ações da sociedade como um todo.

A tradição, é, desse modo, como um acordo entre gerações. Sem ela, a identidade de um povo se perde. Entretanto, tradição não é apenas a repetição de ideias e ritos do passado, mas o compromisso com os valores positivos do passado e a vida das futuras gerações.

Outras conexões



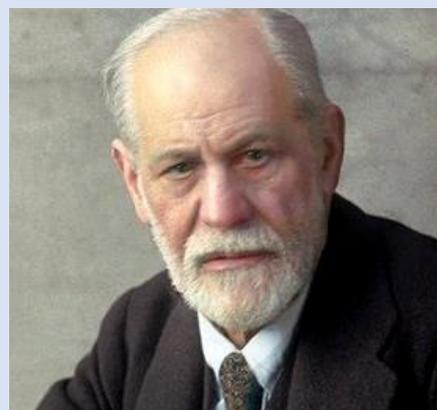
O “EU” NÃO É INATO, MAS CONSTITUÍDO HISTORICAMENTE

Para o filósofo alemão a história (pessoal ou social) não é determinada por forças externas (divindades, poderes celestes, natureza), mas é construída pelos seres humanos e por suas relações sociais. Essa teoria é o primeiro abalo na ideia de uma “essência” ou natureza humana, porque indica que a personalidade não é algo que vêm com a pessoa em seu nascimento, mas é construída a partir das vivências históricas de cada um.

SUBJETIVIDADE E INCONSCIENTE

Para o austríaco Sigmund Freud a personalidade humana não é um bloco monolítico, mas pode ser compreendida em três partes: o id (o inconsciente), o ego (a parte conhecida da pessoa) e o superego (as estruturas de controle interior e exterior). Como num iceberg, o inconsciente é muito maior do que se imagina e influencia fortemente na constituição da personalidade e nas ações da pessoa.

Para saber mais assista ao vídeo: [Estrutura da Personalidade \(Id, Ego e Superego\)](#) proposto pelo canal Didatics.



A CONSCIÊNCIA E O ENGANO DO EU

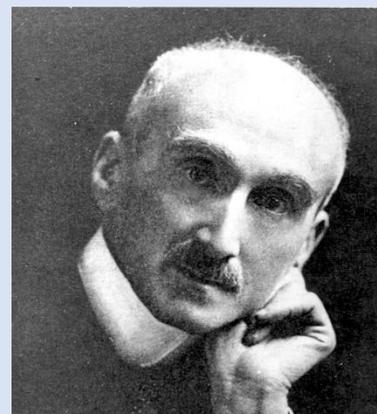
Para o filósofo francês Jean-Paul Sartre a consciência, que determina a individualidade humana, é um grande vazio (o Nada), de modo que não pode haver nela um “Eu”. Assim, para o filósofo o eu existo enquanto materialização de nossas escolhas do passado, como um boneco, fora da casa da consciência. Identificar-se com ele, é agir de má-fé. A consciência é sempre livre dele.

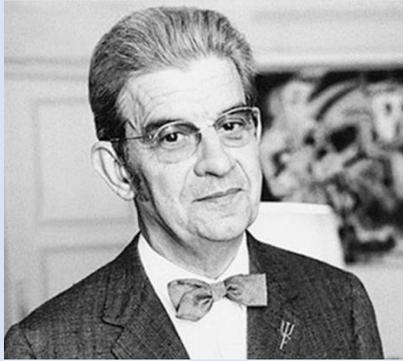
Essa e outras teses podem ser encontradas em suas obras “[O Ser e o Nada](#)” e “[A transcendência do ego](#)” e “[O que é subjetividade](#)”

O EU COMO MEMÓRIA

Para o francês Henri Bergson a personalidade humana (o ego) existe enquanto memória, isto é, é a memória quem produz a sensação de unidade das vivências humanas e estabiliza a consciência. Assim como Sartre, Bergson lança o “eu” para o passado, enquanto o presente é sempre livre e pode ser construído a partir das vivências e escolhas as quais cada um se submete.

Essa e outras teses podem ser encontradas em sua obra [Matéria e Memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito](#).





A UNIDADE DO EU É UMA ILUSÃO

Para Jacques Lacan a identidade pessoal (o ego) é formada gradativamente, a partir da relação e comparação de si mesmos com o mundo. Esse processo é vivido em uma série de contradições de sentimentos, experiências e autopercepções. Não possuímos uma história pessoal ou uma personalidade, mas vivemos histórias e respondemos a cada uma delas de diferentes maneiras. Entretanto, na infância criamos uma ilusão: sou uma unidade!

EU SOU UM PROCESSO, NÃO UMA COISA.

Stuart Hall também acredita que a identidade pessoal é formada ao longo do tempo, de modo que a ilusão do entendimento da personalidade como “coisa” pode ser superada através da percepção da personalidade como processo. Nesse sentido, o pensador propõe substituir expressão “identidade” por “identificação” - o processo de construir-se como pessoa que dura a vida inteira.

Essa e outras ideias podem ser encontradas na obra [“A identidade cultural na pós-modernidade”](#).



SUBJETIVIDADE, SEXUALIDADE E PAPÉIS DE GÊNERO

Na obra de Maya Angelou que propomos há um momento de sua adolescência em que a protagonista sente dúvidas a respeito de sua sexualidade. A leitura desse capítulo pode ser uma oportunidade interessante para se discutir como experiência pessoal da sexualidade integra o processo de individuação de cada um e como essas experiências são condicionadas pelos padrões sociais estabelecidos (Michel Foucault, Simone de Beauvoir, Judith Butler).

A obra da filósofa Oyèronké Oyěwùmí pode ser um auxílio interessante para essa reflexão, pois além de demonstrar a construção social dos padrões de gênero e sexualidade, a autora aborda e exemplifica a imposição desses mesmos padrões (criados no ocidente) para os povos não ocidentais que não tomam gênero como condição principal de experiência existencial, mas outros paradigmas, como a linhagem e a consanguinidade, demonstrando assim que as categorias de gênero não são naturais, mas construídas socialmente.

[Clique aqui para conhecê-la melhor.](#)

PASSO 2

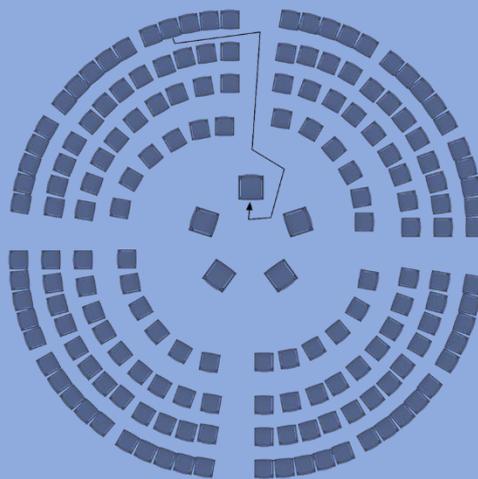
Roda de conversa final sobre leituras e pesquisas realizadas.

Professor e alunos podem combinar o melhor modo de apresentação dos resultados de pesquisa pautadas nas questões orientadoras (seminário; postagem em moddle, ava, padlet, blog, página no facebook, etc; trabalho escrito, etc.).

Além dessa entrega de trabalhos formais é interessante, no entanto, promover uma roda de conversa mais informal, em sala de aula, para debater com os alunos que pontos da leitura da obra e das pesquisas sobre os filósofos mais chamaram atenção, compartilhando reflexões a partir de perguntas motivadoras de discussão feitas pelo professor. Para essa roda de conversa sugerimos a técnica de discussão “[Aquário](#)”.

PROCEDIMENTO

1 Organize a sala em dois círculos. O círculo de dentro com três ou mais cadeiras e o círculo de fora com as cadeiras restantes, de modo que todos os alunos tenham um lugar para sentar. Se for preciso, pode-se fazer mais de um círculo de fora para que todos tenham circulação fácil



2 **Explique a atividade para os alunos:** vamos começar com alguns alunos voluntariamente sentados no círculo do centro. O professor faz uma pergunta e os membros do círculo de dentro conversam entre si sobre suas opiniões ou conhecimentos (caso seja uma atividade de revisão), o círculo de fora ouve atentamente e, caso alguém do círculo de fora queira falar algo, aproxima-se da cadeira de algum dos colegas de dentro que já se expressou e troca de lugar com ele (de modo que quem estava dentro vá sentar-se no círculo de fora e quem estava fora venha para o círculo de dentro).

3 **Inicie a atividade.** Tenha preparado as perguntas que utilizará para motivar a discussão dos alunos do círculo de dentro. Caso o grupo seja tímido instigue a discussão através de perguntas próximas da realidade dos alunos e anime os ouvintes (do círculo de fora) a voluntariamente ocupar o círculo de dentro. A cada seis ou oito minutos acrescente outra pergunta.

Projeto Caçador de Mim
Escrevendo a própria história

4 Discuta com a classe como se sentiram como debatedores e como ouvintes. O feedback da turma é sempre muito importante. Aproveite a oportunidade para explicitar como o exercício da escuta atenta do outro também são uma fonte incrível de aprendizado.



Foto: Acervo pessoal (2019)



Etapa 3

PRODUÇÃO

PASSO 1

OFICINAS PARA PRODUÇÃO DE AUTOBIOGRAFIAS E PROCESSO DE ESCRITA

Após a leitura da obra “Eu sei porque o pássaro canta na gaiola” e do diálogo com diferentes perspectivas filosóficas, as alunas e alunos são convidados a escrever suas autobiografias como exercício pessoal de síntese dos conhecimentos filosóficos apresentados. Os livros serão compilados por grupos, de modo que cada capítulo conste da autobiografia de um dos membros.

O grupo pode escolher uma temática que sirva de fio condutor das narrativas (família, escola, namoro, descoberta da identidade, como acontecimentos políticos marcaram suas vidas de forma comum, etc.). Esse elemento comum será útil para dar unidade à obra e para intitular a obra. Os alunos podem convidar alguém para escrever o prefácio.

1 Antes de dar início ao processo de escrita, é interessante realizar uma atividade que suscite o interesse dos alunos e os ajude a visualizar o aprendizado que esse tipo de atividade proporciona. Para isso sugerimos a técnica [SEI-ACHO QUE SEI-QUERO SABER](#), como procedimento para o professor captar as expectativas dos alunos quanto ao produto final e também como modo de o próprio aluno mapear seu o aprendizado pessoal.

Além disso, retome junto com os alunos critérios de avaliação da autobiografia e da apresentação elencados no contrato de aprendizagem.

SEI-ACHO QUE SEI- QUERO SABER ESTRATÉGIA DE ENSINO PARA COMEÇO DE CONVERSA

1. Entregue para os alunos o quadro da atividade (impresso em uma folha de A4) e explique a função de cada coluna. Faça a distinção da coluna "Sei" para a coluna "Acho que Sei" para que os membros do grupo incluam ideias e informações mesmo se eles estiverem um pouco hesitantes ou não tiverem certeza.
2. Estimule os alunos a refletir sobre que conhecimentos já possuem para a elaboração dos produtos, que conhecimentos acha que possui, mas não tem certeza da utilidade no projeto, ou mesmo se sabe com profundidade; e que conhecimentos precisa saber. Os alunos completam individualmente suas próprias tabelas.
3. Após um tempo determinado, o professor convida os alunos a compartilhar suas anotações em grupos.
4. É interessante que os grupos criem uma lista coletiva de "Quero Saber"; priorizando e preparando para compartilhar com todo o grupo.
5. Depois de mais um tempo, os grupos compartilham seus "Quero Saber" e gerando assim uma lista de conteúdos e habilidades que os próprios alunos querem aprender (essa lista pode ser escrita em uma folha grande de flip-chart ou cartolina e ser afixada na sala para o professor retornar a ela sempre que algum dos elementos for realizado, contribuindo para a sensação dos alunos de que eles mesmos escolheram aprender esses elementos.

2 Seria interessante proporcionar uma **oficina de redação autobiográfica** no início dessa etapa para que os alunos possam aprender técnicas de narrativa, estratégias de discurso escrito, dentre outros elementos. Caso não seja possível realizar a oficina, indique ou proponha vídeos sobre como escrever textos narrativos, retome com os alunos os critérios do contrato de aprendizagem, dentre outras iniciativas possíveis.

Sugestões de Materiais Online

- Artigo: [Seis dicas para escrever sua autobiografia](#)
- Artigo: [Como escrever sua autobiografia](#)
- Vídeo: [Como escrever um livro sobre sua vida](#)
- Vídeo: [Angela Davis fala sobre como Toni Morrison a ajudou a escrever sua autobiografia;](#)

3 É importante que seja proporcionado tempo para que os alunos realizem essa atividade no ambiente escolar (não apenas como tarefa de casa), de modo que possam conversar com os colegas e com o professor, solucionar dúvidas, partilhar impressões, etc.

PASSO 2

FORMATAÇÃO DOS TEXTOS E PRODUÇÃO DOS LIVRETOS

É importante dar atenção especial à formatação do texto entregue. Uma sugestão é que as autobiografias sejam escritas em formato de livreto, podendo ser encadernadas ou grampeadas (dependendo do número de páginas). Ajude os alunos a escolherem as melhores fontes e espaçamentos e a produzir uma capa significativa (o [canva.com](https://www.canva.com) oferece excelentes modelos de capas de livros que podem ser editados).

Considere a possibilidade de convidar um design para fazer uma oficina de formatação com os alunos. Mas caso não seja possível, utilize recursos como artigos e vídeos da internet.

Caso a escola queira investir, pode-se enviar os livros para a biblioteca nacional para catalogação e para gráfica ou editora para publicação oficial dos textos.

Sugestões de Materiais Online

- Templates de livros em word para publicação ([Clube dos Autores](#))

PASSO 3

ENTREGA DO MANUSCRITO PARA AVALIAÇÃO DA BANCA

Dê a liberdade para que os alunos escolham outros professores que farão a avaliação do livro pronto em todos os seus critérios, história, enredo, formatação, nexos entre os capítulos, capacidade de envolver o leitor, etc.

Para tornar a dinâmica mais interessante o aluno pode escolher 2 professores e o professor sorteia um grupo para ler e avaliar o texto, de modo que teremos 3 avaliações do manuscrito. Após a avaliação, os alunos podem ter alguns dias para corrigir o texto final e fazer a impressão oficial.

Para avaliação:

- [Ficha de Avaliação da autobiografia](#)



Etapa 4

AVALIAÇÃO

AUTOAVALIAÇÃO, AVALIAÇÃO PELOS PARES E PARTILHA

Após a avaliação dos manuscritos (seria interessante se pudesse ser feita em uma semana) e enquanto se aguarda que a gráfica produza os livros (ou que os alunos imprimam e encadernem) pode-se utilizar uma aula para realizar a autoavaliação, a avaliação por pares e a avaliação da vivência do projeto. Note que não se trata aqui da avaliação do produto, que já foi realizada pela banca.

A autoavaliação é uma ferramenta eficaz para que o aluno se perceba protagonista do processo de aprendizagem e o ajuda a identificar seus pontos fortes e fracos. A avaliação pelos pares educa para a corresponsabilidade e o sentido de pertença a um grupo de trabalho, preparando a pessoa para a vida em cooperação e o sentido democrático da crítica construtiva.

Para a autoavaliação e avaliação pelos pares sugerimos a seguinte [ficha de autoavaliação e avaliação pelos pares](#).

Após o preenchimento e leitura das autoavaliações pode-se dar um tempo para que os alunos de cada grupo conversem entre si sobre as impressões da avaliação recebida pelos colegas e sobre o processo de aprendizagem vivenciado no projeto.

Após a partilha em grupos, o professor pode conduzir uma rodada de partilha no grupo geral permitindo que cada aluno comente qual aprendizado foi mais marcante no decorrer do projeto.

O blog, mural ou mural virtual da turma são uma lembrança comunitária do processo vivenciado. As autobiografias são uma lembrança material concreta para cada aluno e suas famílias.

Como acreditamos na vivência de uma educação reflexiva, professor e alunos podem produzir um artigo científico, paper ou relato de experiência e divulgar o projeto e seus resultados em eventos acadêmicos e seminários locais.



Etapa 5

CELEBRAÇÃO

Celebrar um caminho percorrido é um elemento fundamental nas vivências dos povos ameríndios, africanos e afro-brasileiros. A celebração ao mesmo tempo é em que recorda o passado através da memória e da ancestralidade, preenche o presente com resistência e projeta um futuro melhor na esperança.

A última etapa do projeto consiste exatamente em celebrar e divulgar o conhecimento produzido. Neste caso, pode ser realizado um Sarau com a apresentação de cada grupo sobre o livro produzido (qual o fio condutor escolhido, o porque do título, como foi a experiência de escrever sobre si mesmo, etc.). A família, os amigos, outras pessoas da escola podem ser convidados para prestigiar esse momento.

Caso sejam feitas mais cópias dos livros, podem ser entregues ou vendidos para amigos e familiares e autografados pelos autores. Caso seja feita apenas uma cópia pode-se verificar qual a melhor destinação que se pode dar a elas.

Cuide-se para que também o ambiente seja alegre e bem preparado com flores, vasos, toalhas, luzes diferentes que ajudem a criar o clima de alegria e de partilha do conhecimento para a comunidade.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. Tradução J.Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 2004.
- ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Tradução de Regiane Winarski. Bauru, SP: Astral Cultural, 2018.
- BERSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- BISPO, Antônio. Leituras sobre a colonização. In. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 01 de Julho de 2019.
- BUCK INSTITUTE FOR EDUCATION. **MyPBL Works**, 2019. Disponível em <https://my.pblworks.org/>. Acesso em 02 de Julho de 2019.
- BURKE, Edmund; Einloft Neto, Tradução de Herculano de Lima, **Reflexões sobre a Revolução em Franca**, v. 1, 2012.
- DAVIS, Angela Y. **Uma Autobiografia**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DUNBAR, Paul L. Simpathy. **Poetry Foundation**, Chicago, 2019. Disponível em <https://www.poetryfoundation.org/poems/46459/sympathy-56d22658afbc0>. Acesso em 30 ago. 2018.
- EMICIDA. **AmarElo**, 2019. (8min53s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em 01 Set. 2019.
- FACING HISTORY AND OURSELVES. **Facing History and Ourselves**, 2019. Página Inicial. Disponível em <https://www.facinghistory.org/>. Acesso em 01 Set. de 2019.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um Xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MAYA ANGELOU. **Wikipedia**, 2019. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Maya_Angelou. Acesso em 30 ago. 2019.
- MARCONDES, Ofélia Maria. **Filosofia**: ensino médio, Caderno 8. Brasília: Cisbrasil- CIB, 2015.
- MULUNDWE, Banza Mwepu; TSHAHWA, Muhota. Mito, Mitologia e Filosofia Africana. Tradução para uso didático de MULUNDWE, Banza Mwepu; TSHAHWA, Muhota. Mythe, mythologie et philosophie africaine. Mitunda. **Revue des Cultures Africaines**. Volume 4, Numéro spécial, octobre 2007, p. 17-24 por Kathya Barbosa Fernandes e Aurélio Oliveira Marques.
- NOGUERA, Renato. **Mulheres e deusas**: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.
- NASCIMENTO, Milton. **Caçador de Mim**. 2019. (3min47s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Se9XYKHQI3Y>. Acesso em 01 Set. 2019.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. **African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms**. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

P'BITEK, Okot. **A sociabilidade do eu**. Tradução de Marcos Carvalho Lopes. Disponível em https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/a-sociabilidade-do-eu_bitek.pdf. Acesso em 01 Set. 2019.

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do Ego**. Lisboa: Colibri, 1994.



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>.